

ARQUEOLOGIA, HISTÓRIA E ETNOGRAFIA: O DENOMINADOR GUARANI

*André Luís R. Soares**

RESUMO

O presente artigo busca investigar quais são os limites dos enfoques disciplinares que analisam os guaranis pelo viés da História, da Etnografia e da Arqueologia. Busca-se aqui não defender uma já estabelecida Arqueologia Guarani mas reapreciar a importância dos artefatos e registros materiais para a compreensão das sociedades indígenas do passado.

Palavras-chave: Cultura Guarani; Teoria da Arqueologia; História e Arqueologia

ABSTRACT

This article intends to investigate the validity of a series of academic approaches of the guarani people: the historic, the ethnographic and the archaeological ones. The main aim of it isn't to defend an already well established *guarani* Archaeology but to reappraise the role of the artifacts and the material culture to the understanding of the ancient individuals from this specific society.

Key-words: Guarani culture; Theory of Archaeology; History and Archaeology

* Doutorando em Arqueologia Brasileira (MAE-USP), professor da Universidade Federal de Santa Maria- UFSM.
E-mail: alsoares@ce.ufsm.br

O conjunto de datas publicadas por José Luiz de Moraes e Francisco Noelli na Revista da USP, nº 44 (1999/2000:194-253) levanta uma problemática há algum tempo esquecida: quais são os limites dos enfoques disciplinares que focalizam os guaranis por meio do viés da História, da Etnografia e da Arqueologia? Nesta pergunta remeto a diversas questões relativas à antropologia e à história indígena, a respeito do uso das analogias em arqueologia como elementos válidos para interpretação dos artefatos, dos sítios e das unidades ecológicas no entorno.

Na discussão, parto de premissas de caráter histórico (no âmbito das disciplinas envolvidas), quais sejam:

- os arqueólogos amadores do final do século XIX acreditavam que os achados de cerâmica deveriam ser vinculados aos grupos humanos existentes, notadamente devido à crença de uma continuidade e à baixa longevidade das ocupações (cf. Noelli, 1993);
- a partir da instalação do PRONAPA, a prática de se definir tradições e fases, por razões de diversas ordens, levava à desvinculação dos grupos humanos existentes do material arqueológico descoberto (Soares, 1996, 1997, 1999);
- no caso guarani, o conhecimento histórico e antropológico acerca do grupo levou os pesquisadores a retomarem a necessidade de atrelar, quase diretamente, a subtradição Guarani aos grupos guaranis histórico e etnograficamente conhecidos (Brochado, 1984; Noelli, 1993; Soares, 1996).

Este último ponto é resultado dos trabalhos de Brochado que, incessantemente, apresentou provas de que as vasilhas arqueológicas guaranis poderiam ser facilmente identificadas

a partir das fontes históricas: em particular, dos dicionários bilingües de Antônio Ruiz de Montoya, uma vez que a validade deles é incontestável para o conhecimento da língua guarani no período do contato (início do século XVII, mais especificamente).

Neste sentido, as datas obtidas, que oscilam entre 200 e 2200 antes do presente¹, fazem-me colocar em pauta a seguinte discussão: pode-se relacionar este guarani “arqueológico” com os guaranis “etno-históricos” (conhecidos) e “etnográficos” (existentes)?

A interpretação dos dados arqueológicos guaranis é, já por longa data, objeto de pesquisa nos países do Cone Sul. Na proposta de Branislava Susnik, os guaranis arqueológicos deveriam ser tratados de forma análoga aos modelos franceses. De fato, até suas últimas publicações (1975, 1982, 1984/85), ela se referia aos guaranis como “altoparanaenses”, “guaraienses”, “guayraenses”, “tapés”, “paranáes”, “itatines”, colocando a espacialidade como elemento demarcador, a exemplo do “achelense”, “solutrense”, “magdalenense”, etc. típicos da Arqueologia francesa.

Esta discussão foi rejeitada pelo PRONAPA, tendo sido encoberta por meio da criação de mais de 60 fases na tradição Tupiguarani (Simões, 1972). Tais fases, de tão questionadas que foram, acabaram abrindo espaço para o problema social da interpretação cerâmica – conforme Meggers & Evans (1985) – o que resultou em certo avanço na discussão.

“Atualmente acreditamos que fases definidas em termos de seqüência seriada podem ser relacionadas a comunidades autônomas ou semi-autônomas e que as tradições definidas em termos de fases compartilham um conjunto de elementos cerâmicos, provavelmente representando entidades tribais ou lingüísticas” (1985: 05).

¹ “Considerando a cronologia das ocorrências, os primeiros grupos ceramistas a ocuparem o Estado [de SP] seriam portadores de cerâmica Tupiguarani. O sítio mais antigo está localizado no vale do Tietê e foi datado por termoluminescência em 250 aC (sítio Ary Carneiro - Maranca et alii 1994:225-6). Trata-se ainda de data isolada, uma vez que os demais sítios de São Paulo ocorrem a partir do início do século V de nossa era, tendo-se a data de 400 dC para o sítio Franco de Godoy, localizado no vale do Pardo (Pallestrini 1981/82) e 410 para o sítio Jango Luís, no vale do Paranapanema (Pallestrini 1968/69:51), ambos pelo método do C14.” Robrahn-González, 1997: 01.

Problema maior foi a reprodução acrítica da questão social proporcionada pela cerâmica. Desta forma, a distribuição espacial de uns poucos fragmentos suscitou hipóteses acerca da exogamia dos falantes do tupi-guarani.

“(Na aldeia da Queimada Nova, no Piauí) ... evidenciou(-se) uma oposição quantitativa e qualitativa entre os cacos da metade oriental e da metade ocidental da aldeia, o que dificilmente pode ser atribuído a uma distância cronológica” (Prous, 1992:383)

O problema é instigante, muito embora saber que a “oposição” de que trata Prous refere-se a 89 fragmentos pintados de vermelho (sobre substrato simples) na “metade” leste contra 15 fragmentos pintados de vermelhos (sobre substrato branco) na “metade” oeste (Maranca, 1976; Meggers e Maranca, 1980).

Dessa forma, durante o PRONAPA, negou-se, mesmo de forma consciente, a ligação entre os grupos humanos e seus respectivos artefatos arqueológicos. Tal procedimento é, em grande medida, tributário do momento político próprio dos anos 1960, quando a Arqueologia científica no país se caracterizava, em grande medida, pelo atrelamento e pela subserviência da pesquisa nacional à americana (Funari, 1999a e b).

Ainda é importante ressaltar de que forma tal paradigma tem sido desconstruído; ou seja, como, atualmente, os pesquisadores mostram - ou buscam mostrar - a ligação direta, inequívoca e unilinear entre os grupos guaranis etno-históricos e arqueológicos, tomando como base os dados etnográficos e lingüísticos.

O GUARANI ETNO-HISTÓRICO

Com base nas descrições históricas, realizadas por viajantes, jesuítas, exploradores, demarcadores e toda sorte de mercenários, os arqueólogos buscam vestígios de comportamento social ou material que indiquem o modo de viver guarani (Noelli, 1993; Soares, 1996). Se esta proposta é amplamente válida e aceita

para o período de contato com o europeu, entre 1620 e 1800 (data dos documentos mais abundantes), a extrapolação para o período imediatamente anterior ao contato torna-se uma especulação aceita, porém questionável.

Em nome de uma “longa duração” braudeliiana, estimulou-se a realização de analogias históricas, devidamente alicerçados no parentesco lingüístico e em parte da cultura material (Noelli, 1993, a partir de Hodder², 1991:1-26).

Ora, se o parentesco lingüístico é inquestionável, o mesmo não se pode dizer da cultura material. A partir dos milhares de fragmentos corrugados, unglulados, pintados e espatulados é que foi criada a tradição Tupiguarani. Ao mesmo tempo, se eram reconhecidas distintas parcialidades em nível etno-histórico, esta nunca foi uma preocupação em nível arqueológico.

Os dados etno-históricos, por exemplo, falam de grupos diferentes em locais diferentes e tempos diferentes. Em termos de pesquisa arqueológica, tais diferenças foram eliminadas em nome do parentesco lingüístico e da semelhança na cerâmica encontrada, elementos tomados como indicadores culturais para os guaranis³. No entanto, como se pode ver, uma grande confusão estava armada, pois:

- Os arqueólogos sabiam que os diferentes tipos de corrugados não significavam parcialidades ou mudanças temporais, podendo ser simples idiosincrasias dos ceramistas;
- Da mesma forma, os tratamentos de superfície, a partir da avaliação anterior, deixaram de ser estudados, haja vista que a cronologia ou a dispersão não era verificável por este critério;
- O conceito de “fase”, que deveria ser atribuído a artefatos inteiros identificados, não poderia ser adotado em fragmentos; ao mesmo tempo, nunca algum pesquisador buscou realizar as seriações em sítios datados a partir da reconstrução das vasilhas, considerando apenas as suas bordas;
- A pintura cerâmica, que poderia

² É necessário ressaltar que Noelli apropria-se de um conceito de Braudel pouco estudado em arqueologia, qual seja, a ‘longa duração’ (Hodder utiliza também utiliza tal parâmetro para análise de sociedades ágrafas).

³ Veja os trabalhos de Brochado, 1980, 1984, 1989, 1990. Os mapas lingüísticos sempre foram referência para ocupação arqueológica. Ver crítica desta postura em Funari, 1999a.

indicar aspectos ligados a etnicidade, parcialidade ou mitologia, aguarda um estudo sistemático e comparativo para comprovação arqueológica das parcialidades (Soares, Manuscrito).

É importante resgatar estes aspectos porque, no momento que se fala dos grupos guaranis, dois pontos devem ser destacados:

- O Guaraní enquanto língua, o que justificaria a homogeneização de Vanhagen (1876), na tradução de Montoya, ao afirmar que o dicionário é “Tesoro de la Lengua Guaraní, ó más bien Tupi” (1640[1876]);
- Guaraní enquanto identidade étnica, e então seria necessário remeter às parcialidades culturais e materialmente distintas (Soares e Garlet, 1998).

Desta maneira, o guarani de Montoya, escrito em um local específico e momento histórico e conjuntura definida, é “extrapolado”, tomado como válido e onipresente para toda a gama de elementos considerados como “cultura guarani”. Neste ponto, defendo, como já citado (Soares, 1996), que os dicionários são válidos para a terminologia de parentesco e organização social - em face da necessidade, empírica e real, de manejo das relações conjugais, os casamentos e graus de parentesco permitidos.

Assim, acredito que, da mesma forma que os lingüistas utilizam os termos de parentesco para estabelecer filiação e proximidade cultural, a terminologia serve também como baliza para várias parcialidades guaranis – pois os parentes serão termos de pouca ou nenhuma mudança sendo, então, utilizáveis como critério para o uso dos dicionários de Montoya como válidos para compreensão da forma de organização sócio-política no período de contato.

No entanto, poucos são os dicionários que, sob esta ótica, podem ser utilizados. As gramáticas e vocabulários são, sobretudo, “para entenderem e serem entendidos”, nas palavras do próprio Montoya. Ademais, relatam a experiência de diversos anos de catequese, servindo de compilação, momentânea, de diferentes e distintos grupos, como podemos observar (Soares e Garlet, 1997).

Devo realizar uma pausa na crítica

aqui exposta. O uso dos dicionários de Montoya é válido e praticamente inesgotável; mas devo observar de qual guarani se trata. Em primeiro lugar, daqueles visitados por Montoya em sua catequese. Em segundo, por aqueles que passaram pelo contato, especificamente no século XVII (decorridos dois séculos de contato, direto ou indireto) (Noelli e Soares, 1997a, b). Em terceiro lugar, um guarani com dinâmica própria e peculiar. Dinâmica esta condicionada pela fuga seja da cruz seja da espada.

Se o uso da documentação histórica é válido e deve ser perseguido, por outro lado não se deve estimular a utilização indiscriminada das fontes. Poder-se-ia criar, assim, um guarani construído a partir de fragmentos distantes no espaço e no tempo, com o risco de se construir um “frankenstein” que nunca existiu.

Os exemplos desta prática são inúmeros. Sem repetir as citações existentes, percebo que algumas descrições dos guaranis etno-históricos já se tornaram, por sua vez, históricas:

- Viviam em casas grandes, com as famílias extensas.
- Eram liderados por uma chefia política (tuvichá ou cacique) e uma espiritual (pajé) - sendo a primeira responsável pelos tratos seculares e a segunda pelas questões sobrenaturais.
- O chefe tinha direito à poligamia.
- Faziam grandes festas, dos quais sobram os artefatos de cerâmica.

Ora, estes elementos são, por si só, absolutamente inquestionáveis. No entanto, em busca de refinamento, permitiu-se, para fins de analogia, utilizar-se de grupos distintos em locais e tempo distintos, para “aproximar” as leituras sobre os guaranis. Em nome da analogia histórica direta, realizaram-se relações questionáveis e tênues, reproduzindo um discurso homogêneo e monolítico acerca da cultura guarani.

“Existem iconografias dos enterramentos secundários fora da habitação, entre os Guaranis paraguaios do final do século XIX e do XX, que correspondem às descrições seiscentistas de enterramentos similares.” (Noelli, 1993:174)

Neste sentido, observa-se a ligação direta e inequívoca entre os guaranis, como grupos a-históricos indistintos – ao contrário do que apresentarei adiante. Com este exemplo pode-se ainda observar as grandes variantes culturais solapadas pela busca de uma grande nação guarani (tributária de todo um ideário moderno, construído “no bojo dos estados nacionais a partir do século XVI: uma língua, uma nação, uma cultura”)⁴.

“ Generalmente, el entierro tiene lugar en la choza del fallecido, aproximadamente a un metro de profundidad bajo tierra. Si el Pañ muere fuera de la choza, y es enterrado fuera de ella, entonces debe colocarse por encima de su tumba um techo protetor. Al muerto se le agrega en la tumba todo su haber personal antes también rifle y machate – éstos, hoy en dia casi siempre exceptuados - pero no tocado por los parientes. Por eso no hay entre ellos derecho sucesorio” (Müller⁵, [1913] 1989:30) (sobre os Pañ-tavyterã, conhecidos também como ñandeva ou Pay)

“.. quando se muere alguno ayunan dos dias; todas las de su casa no comen carne ni van al rio... y las indias han de llorar a gritos y se suellen dar muy crueles golpes; enterran su difuntos en el campo o hacienda, sobre la sepultura unas choçuelas y de quando en quando van a limpiar la yerba que nace en ella porque asi dicen que descansa el difunto; cortan los puños de las hamacas en que los entierran porque si no, moriran otros de la misma casa, por la misma raçon quitan las cuerdas de hamaca, y en la sepultura. Mientras lo entierran no a de caer basura alguna porque si cae se moriran otros de aquella

parcialidad. Si la difunta es india que tenia hijo al pecho va una vieja a la sepultura con un redaçõ y como que ensaca con el algo, lo mece dos o tres veces, con lo qual saian el alma de alli porque el niño no se muera porque el alma de la india ayuda a criar al niño y se se queda en la sepultura, el niño a de morir. (Cortesão, 1951:274) (dos Guaranis do Guairá, 1549”)

Estas citações seriam suficientes para mostrar que, em termos de analogia etnográfica ou etno-histórica, os guaranis e seus parentes lingüísticos formariam uma bela “colcha de retalhos”, como costuma acontecer. Mas talvez a citação de Susnik (1983), adiante, seja suficiente para se entender que não há, segundo a bibliografia, um padrão de enterramento, mas diferentes possibilidades frente ao grupo e ao status social.

“Los hallazgos arqueológicos de las urnas funerárias confiman la amplia difusión de este tipo de entierro; entre los antiguos Guayráes, Tapés, Paranáes, Carios, Itatines, Testemoñando las urnas también la presencia de los Guaranies en las islas del R.Paraná Inferior. (pg 67) Carecemos de ditos para deslindar si el entierro era obligatorio para cada membro de la comunidad o solamente reservado al status de prestigio o limitado según status por sexo y edad. Al parecer, coexistían varias prácticas enterratorias, desde las fosas simplemente calafetadas hasta la urnas dentro de una misma parcialidad; los hallazgo arqueológicos constatan que existían cementerios fixos comunales, donde es fácil hallar la urna con restos ósseos debidos, o “yapepó”

⁴ Veja crítica extensa e pertinente em Funari, 1999^A. Também Fausto, 1997:2. “O particularismo histórico e o difusionismo foram saindo de voga, sendo substituídos pelo culturalismo e pelo funcionalismo. Não se tratava mais de organizar similaridades e diferenças culturais em grande escala, mas de compreender o padrão cultural de um povo. A unidade de análise tendeu, assim, a coincidir com os grupos empíricos, formando-se o tripé: uma cultura, uma sociedade, um povo.”

⁵ Etnologia de los Guaranis del Alto Paraná. Franz Muller, svd. Societatis Verbi Divini, Argentina, 1989.

*vacíos o simplemente las
tampas sueltas de cerámica
que cubrían el cráneo sólo.
El entierro primario en
urnas correlacionábase, a
todo parecer, con el status
de prestigio del difunto,
incluyendo a los "tuvichá,
teyy-rú, avá-eté, karai, payé";
el entierro secundario de
huesos, una vez acabada la
putrefacción del cadáver,
resguardado entretanto en
una hamaca, no era muy
generalizado entre los
Guaraníes. (...) (pg 68) Los
antiguos Guayráes enterraban
en el campo cercano a sus
aldeas a veces, en fosas
calefatadas y erigiendo
cubertizos en miniatura sobre
las sepulturas, otras veces
enterraban en la misma choza,
pero cuidando de que se
corten los puños del hamaca
en la que yacía el cadáver
para prevenir la muerte de
un otro miembro de la familia
parental; en la fosa no debiera
de hacer basura alguna, pues
esto significaría la probable
muerte de un miembro de la
misma parcialidad (Cortésão,
1969:274).*

*"(...) Los Itatines-guarayúes
al emigrar del Alto Paraguay,
abandonaron esta práctica.
(...) Los actuales guaraníes
abandonaron el entierro en
urnas... Los Mbyá-guaraníes
entierran el cadáver, en
posición fetal, en una fosa
calafateada dentro de su
choza, ésta luego abandona
inmediatamente; tiran
algunas flechas sobre la
choza y prenden fuego; se
erige un cobertizo de hojas
de palma en miniatura (pg
69) o simplemente se clavan
algunas flechas en la sepultura
(ambrosetti, p.738) (Susnik,
1983:67-69).*

As diferenças entre as diversas parcialidades guaranis ainda são alvo de pouca especulação e exploração no trato dos documentos, até por que, no

período compreendido entre os séculos XVI e XVIII, as nações indígenas são ainda reconhecidas pela sua "avançada" condição de organização política. Neste período, percebe-se claramente o tratamento dado aos "bandos", "tribos" e "nações", a partir de um ponto de vista europeu.

Neste contexto, a América é só uma extensão da política ibérica, sem preocupação com a diferença cultural: as lideranças indígenas são vistas em uma analogia com os moldes ibéricos, refletem a própria conduta europeia: de alianças e guerras de conquista.

A CRÍTICA AO USO DE DADOS ETNO-HISTÓRICOS DOS GUARANIS

As críticas ao uso de dados etno-históricos têm sido trabalhadas pelos especialistas que utilizam tais dados como fonte para análise ou interpretação dos índios guaranis (Noelli, 1993; Soares, 1996, entre outros). Nas críticas, geralmente faz-se referência ao eurocentrismo, à mentalidade dos viajantes do século XVII (entre o Medievo e o Renascimento), à postura em relação ao índio enquanto não humano, entre várias outras (Meliá, 1988). Assim, relatos de viajantes, exploradores, militares, religiosos (e toda a sorte de descrições) têm sido utilizados por arqueólogos como fonte obrigatória e primária, tomada como quase mais importante que a cultura material deixada pelos próprios índios.

Isto deve ser dito porque se, por um lado, as descrições da cultura material têm se concentrado nos objetos cerâmicos e uns poucos líticos, por outro lado, a documentação histórica tem sido reconhecida como "fonte primária", como se os artefatos não o fossem. Mais adiante, retomarei este ponto longamente em detalhe.

Mesmo assim, em se tratando de cultura material e costumes, diversos dados, tidos como excêntricos ou exóticos, têm sido aceitos como válidos para a compreensão do "modo de ser" guarani.

Mesmo que se tenha realizado diversas críticas, é necessário escrever e discorrer um pouco sobre a questão da documentação histórica. Tais fontes históricas:

- são pontuais;
- são aleatórias;
- não são necessariamente válidas;
- são ideológicas.

São pontuais por que as informações se referem a viagens de poucos anos, de caráter exploratório, com visões idiossincráticas que relatam grupos humanos sem um conhecimento mais detalhado dos grupos ou mesmo, em alguns casos, de sua língua. Não são raros os relatos de contatos entre europeus e índios na “língua geral”, o que inviabiliza a identificação étnica do grupo.

São aleatórias por que não sistemáticas. Desta forma, os documentos do início e final do século XVI, XVII e XVIII são tratados indistintamente, desprezando-se, assim, o impacto direto e indireto do contato, os efeitos das epidemias e endemias na organização sócio-política (Noelli e Soares, 1997a,b), bem como as distâncias espaço-temporais entre os informes. Sendo assim, construiu-se uma “colcha de retalhos”, nas palavras de Carlos Fausto (1992), com as informações disponíveis.

Não são necessariamente válidas, pois é sabido que parte das descrições não são verídicas ou podem ser interpretadas de forma diferente a partir dos dados coletados. Deve-se ter em conta, por exemplo, que o caráter exótico das populações indígenas foi acentuado como uma forma de legitimar as atividades exploratórias e colonizadoras. Assim, nem todas as informações, em virtude da situação criada pelo contato, podem ser consideradas válidas, seja pela inocência daquele que escreve ou daquele que lê. Neste sentido, o caráter das descrições pode redundar em interpretações falaciosas ou tendenciosas (por má interpretação do documento): tenha-se em conta ainda que tais interpretações estão afastadas do contexto e da conjuntura da escrita dos documentos.

São ideológicas, no sentido de que o espírito exploratório do século XVII será substituído, no olhar historiográfico, pelo do colonizador. É daí que o “beau sauvage” rousseauiano se transforma em bárbaro sem fé, lei ou rei. Quando as alianças entre cunhados foram substituídas pela escravidão, toda as relações sociais foram redimensionadas.

A organização do parentesco, portanto, ainda deve ser estudada, levando-se em conta as mudanças pré e pós-contato. Desta forma, e devido ao desconhecimento quase completo destas mudanças, perde-se um sem-número de detalhes.

UMA PROPOSTA DE GUARANI ETNO-HISTÓRICO

Para os exclusivos efeitos deste estudo, devemos estabelecer o que entendemos por guarani etno-histórico, ou seja, os dados consolidados, informações e descrições a respeito de grupos guaranis ou falantes da língua guarani – distribuídos ao longo do território do Cone Sul, registrados por fontes históricas dos séculos XVI, XVII e XVIII. Segundo as fontes mais conhecidas⁶, esses guaranis estavam distribuídos ao longo dos grandes cursos d’água, desde o estado do Mato Grosso até o estuário do Rio da Prata – compreendendo, portanto, as bacias e contribuintes dos rios Paraguai, Paraná, Uruguai e Jacuí, além do litoral da região sul do Brasil, bem como as regiões nordeste da Argentina e o Uruguai (Brochado, 1980, 1984, 1989, 1990).

Também consideraremos como fontes válidas para o conhecimento das sociedades guaranis etno-históricas as informações advindas do período missioneiro, isto é, de 1622 a 1801 – período em que se estabelecem as fronteiras meridionais entre os Estados emancipados dos impérios ibéricos. Assim, propomos que as analogias etno-históricas sejam conduzidas de modo a envolver sítios próximos ou dentro do período histórico (séc. XIV a XVII) – a não ser que a região de pesquisa possua informações históricas e tendo-se em vista também as transformações advindas do contato com os europeus.

Ainda devemos ter em conta que este guarani etno-histórico não representa o guarani pré-contato, mesmo porque as epidemias, endemias e guerras de extermínio envolveram muitas vezes os índios antes mesmo do contato direto com os europeus, como provam os “vazios demográficos” registrados em alguns pontos. Deve-se ter em conta, assim, que as descrições, além de todas as críticas, podem adulterar os relatos em relação ao período anterior.

⁶ Veja relação das fontes históricas em Melià, Saul e Muraro, 1987; Noelli, 1993; Soares, 1996.

O GUARANI ETNOGRÁFICO

Embora a bibliografia jesuítica tenha sido (e ainda seja) de inestimável valor para o conhecimento das sociedades guaranis que passaram pela experiência reducional, o lapso compreendido entre os anos de 1801 e 1900 é pouco coberto pela bibliografia histórica. Para fins de analogia, a documentação jesuítica é tida como uma referência (sem caráter absoluto) para o comportamento residual dos guaranis em tempos ditos modernos. Após a guerra guaranítica e o fim da administração leiga, os guaranis reduzidos são novamente objetos de estudo, frente a total ausência de dados sobre os não-reduzidos, conforme consta nas mesmas anuas que descrevem os “tupis selvagens” na bacia Platina.

Esta observação é pertinente por que se, por um lado, os guaranis reduzidos são utilizados em nível de analogia etnográfica, persiste, por outro, um certo olvido quanto ao fato de, após 1627 e da instalação definitiva no Tape, as gerações de guaranis nascidos nas missões terem sofrido maior e mais perene influência reducional que seus ancestrais.

É notório que persistiram diversos traços marcantes no *ñande reko*, por outro lado, deve-se ressaltar que os índios da segunda fase, a partir de 1682, serão marcados pelo sincretismo, sobretudo religioso.

Este intróito faz-se necessário por que, a partir dos anos 1900, novas levas de trabalhos descreveram os guaranis a partir distintas parcialidades: os *mbyás*, os *ñandevás* e os *kaiovás* – cada qual considerado como o mais autêntico dos guaranis, embora reconhecendo o parentesco lingüístico e cultural entre eles⁷.

A partir da chegada de Claude Lévi-Strauss no Brasil, e depois de escrita sua obra ‘Tristes Trópicos’, a etnografia e a etnologia foram, de certa forma, ressuscitadas em uma espécie de consagração aos guaranis. A lista de trabalhos é incontável. Mas devemos citar Herbert Baldus, Viveiros de Castro, Charles Wagley, Egon Schaden, Bartomeu Melià e León Cadogan, entre muitos outros. A lista de publicações é quase infinita, e, por isso, a analogia, agora transformada em analogia geral ou

mesmo lingüística, toma novo fôlego.

A revisão bibliográfica das obras que tratam dos guaranis do final do século XIX aos meados do século XX já foi feita por mim em trabalho anterior (Soares, 1997). Cabe realizar aqui, entretanto, uma autocrítica. Se, por um lado, tomei como válidos os trabalhos etnográficos que buscam compreender o sistema de parentesco, por outro, ainda devo revisitar as analogias diretas, que “resgataram”, da cultura material dos parentes culturais e lingüísticos, elementos para comporem a cultura guarani, tendo como bom exemplo o trabalho de Métraux (1928) em seu “Culture Materielle...”.

Ademais, o uso das analogias permitiu – a mim e outros - criar um monstro de sete cabeças, ao qual cada obra etnográfica serviu para compor parte da criação de um guarani hipotético, idealizado e anacrônico, face às inúmeras parcialidades descritas e/ou conhecidas pela mesma bibliografia, conforme nos relata Gatti (1985) e avaliadas anteriormente em Garlet e Soares (1997).

Estes guaranis, descritos a partir de suas parcialidades (identificadores étnicos atribuídos pelos próprios), puderam ser, finalmente, utilizados, sendo que, pela primeira vez, um componente étnico é adotado, ao contrário das centenas de anos de pejorativos étnicos, no sentido antropológico. A partir daí, poderemos finalmente falar dos *Mbyás*, dos *Ñandevás* e dos *Kaiovás*, muito embora estes termos também possam ser utilizados mais pelos outros do que na descrição própria: os *mbyás* preferem ser tratados como *avá jeguakáva tenondeguá*, ou “aqueles que primeiro foram adornados com o enfeite plumário de cabeça”, segundo Cadogan.

A contribuição da antropologia e da etnografia guarani ainda não foi devidamente mensurada. Num país onde 0,2% da população é indígena⁸, os debates são sistematicamente acesos em questões de direito a demarcação de terras, livre manifestação da cultura e manutenção do *ethos* cultural de cada grupo.

Os trabalhos pioneiros são reanalisados e a produção de dissertações e teses continua, embora em decréscimo significativo. Neste sentido, as experiências individuais de cada antropólogo é reconhecida e acrescida

⁷ Outras auto-designações podem ser coligidas, veja Melià, Saul e Muraro, 1987.

⁸ Conforme *site* <http://www.socioambiental.org/webSite/pib/portugues/quonqua/qqqindex.htm>

de novos elementos, na preocupação de tentar apreender o motor da sociedade guarani. Este é muitas vezes visto como a busca da “terra sem mal”, outras como a busca de um território “livre de homem branco”, no qual o espaço físico seja a possibilidade de vivenciar o espaço religioso (para esta discussão, veja Noelli, 1993 e Garlet, 1998).

CRÍTICA AO USO DOS DADOS ETNOGRÁFICOS

Daí surge o problema que arqueólogos e historiadores enfrentam na utilização destes mesmos dados. Os efeitos das epidemias, endemias, redução de território e miscigenação não são tonados como elementos determinantes na composição das análises (ver Noelli e Soares, 1997a).

Em se tratando da simplificação de termos relativos ao parentesco, pode-se perceber a redução de mais de 50% do vocabulário utilizado para parentes, entre o século XVIII e XX (Noelli e Soares, 1997b).

Isto é fundamental para observar que, se uma redução de termos de parentesco é percebida entre os indígenas, também constato a profunda mudança nas relações sociais, como é o caso do cuñadazgo, do compadrio, dos grupos de trabalho e categorias de idade, remanescentes pálicos que são pouco identificados nos guaranis contemporâneos (Soares, 1997).

Daí que o uso de analogias entre os guaranis atuais, para uma interpretação dos etno-históricos e dos arqueológicos, vêm sendo naturalmente desenvolvida, embora redunde em uma certa falácia cultural. Talvez pela dinâmica pós-contato, muitas vezes as sociedades pré-coloniais foram consideradas passíveis de poucas ou nenhuma alteração significativa, em um eterno “presente etnográfico” (Fausto⁹, 1997:2) que encontra defensores no discurso da longa duração de Braudel (veja nota 3).

Por outro lado, é impossível admitir que, em períodos anteriores ao contato com os europeus, não houvesse parcialidades distintas, disputas por territórios ou trocas de objetos, impondo aos grupos um isolamento que os manteria “puros” até a chegada do “pomo da discórdia” branco. Ao mesmo tempo,

a fragmentação das fontes históricas dilui estas informações, por desconhecimento, eurocentrismo ou mesmo insignificância desses dados para os objetivos de cada relato.

Então, a partir dos dados etnográficos, serão resgatados elementos que devem ter sido “duradouros”, indicando a continuidade do *habitus* pré-colonial, descartando ou descaracterizando as mudanças, re-significações e re-semantizações que possam ter ocorrido.

DEFININDO OS GUARANIS ETNOGRÁFICOS

Proponho, para fins exclusivos deste estudo, que a utilização de dados etnográficos seja mantida extritamente dentro das fontes a partir do início do século XIX. As descrições, etnografias, compilações, bem como as relações nas quais é possível detectar a parcialidade devem ser exaustivamente comentadas, apuradas e citadas. Assim, considero como guarani etnográfico aquele de quem é possível rastrear elementos como a parcialidade, local de registro, enfim quaisquer descrições de aspectos da cultura que o diferenciam de outros grupos de mesma língua, hábitos e outras informações que auxiliem a interpretação do guarani arqueológico. Sob pena de reconstruir um novo “frankenstein” guarani, é necessário que maiores níveis de refinamento permitam separar, ao menos no primeiro momento, as informações etnográficas das etno-históricas.

Em termos de arqueologia, devo lembrar que as etnografias são “instantâneos”, registros fotográficos que não significam, necessariamente, a realidade do grupo em questão. Longos ciclos naturais ou culturais podem ser omitidos por pesquisadores bem intencionados como, por exemplo, os ciclos de colheita de certas plantas frutíferas ou a passagem da adolescência à fase adulta.

Assim, proponho que o uso dos dados etnográficos contribua para a compreensão (por via da analogia) da sociedade guarani, mas não entendendo que aqueles possam substituir os dados arqueológicos, escassos e repetitivos. Além disso, se, por um lado, as etnografias

⁹ Anais do IX congresso da sociedade de Arqueologia Brasileira, (1997) 2000, CD-Rom

dos guaranis do Paraguai são abundantes, até o momento é bastante difícil separar, mesmo nelas, o que é residual, ou aquilo que resulta de adaptação, re-significação ou re-semantização.

Desta forma, dados etnográficos podem e devem ser explorados, mas situados espaço-temporalmente, como ferramentas analógicas que, dentro dos limites citados, possam ser usadas.

ARQUEOLOGIA GUARANI

O ponto mais irônico da arqueologia guarani é dado pela sua própria história. Um relato exaustivo poder ser apreciado por Noelli (1993) – vale a pena repeti-lo. O final do século XIX e o início do XX possibilitaram o aparecimento de uma série de autodidatas e cientistas de diversas áreas que perceberam a ligação mais que aparente entre os vestígios arqueológicos e as sociedades indígenas. Desencontrados e em número reduzido, os arqueólogos amadores descreviam as peças, mais pelo seu aspecto estético que propriamente por seu valor arqueológico – entenda-se que o período era caracterizado, em todo o mundo, pelo “antiquarianismo”.

É no bojo deste pensamento que os museus investirão pesadamente na formação de coleções arqueológicas e na busca de artefatos para exposição nas diversas instituições. Em consequência disso, são identificados milhares de sítios arqueológicos guaranis, mas muito pouco de seu conteúdo (sobre os períodos da arqueologia brasileira, ver Funari, 1999b, 2000).

Neste sentido, aparecem as falhas e os lapsos da arqueologia guarani – tomada, até hoje, como disciplina auxiliar da história, da etno-história ou da etnografia dos diversos grupos Guaranis. As escavações de sítios considerados Guaranis somam algumas centenas de metros, porém, no mais das vezes isoladas em sondagens ou poços-testes – alguma centenas de metros de trincheiras e raras escavações controladas com plotagem tridimensional dos artefatos.

Resulta disso que o conhecimento sobre a sociedade guarani é, do ponto de vista arqueológico: frágil, tênue, diminuto e circunscrito a poucas vasilhas e milhares de fragmentos de cerâmica. Embora com muitos detratores, o “fóssil-guia” “cerâmica corrugada” continua sendo o parâmetro para classificação

de um guarani etéreo, inconsistente e ambíguo (no próprio sentido da cultura material), haja vista que os sítios com cerâmica são guaranis, os que apresentam líticos são intrusivos e os que apresentam outras cerâmicas são por troca, re-ocupação, abandono ou outra explicação qualquer.

Embora as várias abordagens da arqueologia guarani tenham ampliado as discussões e tenham proposto distintas análises ou enfoques, ainda não se firmou um conceito essencialmente arqueológico, além daquele estabelecido pelo PRONAPA na famosa “Terminologia” de 1976. Com base em novas teorias, ampliou-se o universo da simples análise cerâmica, apreendendo novos componentes que convergiram para as seguintes abordagens:

- Ecológica: dividindo a tradição Tupiguarani, destacando a sub-tradição Guarani (Brochado, 1984);
- Geomorfológica: distinguindo o sítio pela sua implantação no relevo, dando origem à classificação “sítios lito-cerâmico colinares do interior” (Pallestrini, 1975);
- Ambiental e paisagística: considerando características do meio ambiente físico-biótico e sócio-econômico, estabelecendo um “sistema regional guarani” (Moraes, 1999- 2000).

A carência de escavações amplas (exceto no caso de sítios do Paranapanema paulista) permitiu que a documentação histórica e etnográfica substituísse a tarefa do arqueólogo, pois a descrição mais ampla e completa estaria no resultado da soma dos dados advindos da história ou da antropologia.

É considerando as datas publicadas de alguns sítios que pondero (dada a magnitude dos dados) ser necessária uma revisão dos usos dos dados arqueológicos em questão. Dito de outra forma, a arqueologia guarani, ao invés de construir um conhecimento novo, ou pelo menos diferente, tem sido usada somente para reafirmar os dados advindos da história e da antropologia.

Devo deixar claro que tal postura não é, no presente trabalho, mero alvo de crítica. O que critico é o uso indiscriminado destes dados para períodos muito recuados no tempo, em

face das datas apresentadas. Tal prática termina por desconsiderar ou minimizar a dinâmica interna dos grupos, as diferenças entre eles, os aspectos ambientais (como mudança climática, questões sociais inter e extra-grupais, entre outros).

Não estou afirmando que os dados são inválidos. Eles apenas devem ser utilizados como modelos para sítios com datas do período histórico ou imediatamente anterior (séc. XIV e XV); que, no conjunto de datações publicadas, representam a minoria. Funari e Zarankin consideram perigoso subordinar o estudo da cultura material aos documentos históricos, uma vez que estes são práticas discursivas que atendem a interesses e motivações específicas.

“... En términos más generales, la propuesta de un discurso específicamente arqueológico permite evitar los peligros de acercamientos no adecuados para trabajar con cultura material. La materialidad de la evidencia arqueológica significa que no podemos sencillamente intentar adecuarla a las informaciones de las fuentes textuales antiguas, pues así estaremos distorsionando los datos materiales, para que confirmen discursos surgidos de las fuentes escritas. Al contrario, la cultura material constituye un elemento central de acción en el mundo (Funari e Zarankin, 2001).”

Em face disso, deve-se buscar, nos dados estritamente arqueológicos, um tratamento também estritamente arqueológico para a arqueologia guarani. Embora redundante, tal afirmação é necessária, pois temos nos deparado com os tipos de dados que as outras ciências disponibilizam e com a fragilidade do uso destas informações.

Alguns exemplos esparsos foram sumariamente descartados, pelo fato de não atenderem aos paradigmas de sua produção, como é o caso das sugestões de Miller e Brochado,

em suas correspondências pessoais, referentes à arqueologia do vale do rio Uruguai¹⁰. Por meio dos levantamentos sistemáticos e das coletas aleatórias e totais, em diversos momentos buscaram-se “particularidades” na composição do material, como a predominância de alguns tipos específicos de tratamento de superfície inexistentes em outras áreas, como o penteado identificado no médio-alto Uruguai.

Além disso, deve-se ter em conta que o desmembramento da tradição Tupiguarani nas sub-tradições Guarani e Tupinambá seguiu critérios pouco conhecidos. Brochado (contato pessoal¹¹, 20/10/2001) afirma que a divisão baseou-se em critérios geográficos e históricos, haja vista a ausência de uma descrição extensiva da material arqueológico dos grupos de língua Tupi no litoral nordeste e sudeste do país.

Primeiramente, é necessário lembrar que a sub-tradição Tupinambá refere-se a diversos grupos que partilham a língua tupi-guarani, da família tupi-guarani do tronco lingüístico tupi, divididos em diversas línguas e dialetos. Desta forma, não representa apenas um grupo, mas provavelmente uma “cultura” arqueológica partilhada por tupinambás, tupiniquins, tamoios, entre outros grupos do litoral de São Paulo ao sul da Bahia.

Não podemos esquecer que a língua não representa, necessariamente, cultura e, ademais, filiação lingüística não é, obrigatoriamente, parentesco. O uso da língua como demarcador de ‘povos’ tem suas raízes no século XIX e deve ser tomado com extremo cuidado (Funari, 1999a, 2000), mesmo por que diferenças de língua não implicam em diferentes técnicas (o que caracteriza uma Tradição Arqueológica) nem autoriza a afirmar que povos de línguas diferentes tenham a mesma cultura material.

“Os modelos deterministas, contudo, têm grande apelo para os arqueólogos, que precisam preencher o hiato entre um conjunto de elementos materiais dispostos no espaço e processos sócio-culturais de larga escala. O

¹⁰ Correspondência depositada no Museu Diretor Pestana, Ijuí- RS. Datiloscritos.

¹¹ Desde sua aposentadoria involuntária mantenho contato com o Prof. Brochado. Via de regra são conversas em sua residência, de forma que é possível precisar a data exata de cada comunicação.

arqueólogo não costuma se perguntar, por exemplo, se é lícito passar diretamente da complexificação da indústria cerâmica para a complexificação da estrutura sociopolítica; ou ainda, da demografia à organização social e desta para o universo simbólico. Tais passagens são franqueadas por raciocínios deterministas, que por formação os antropólogos culturais tendem a ver com cautela.” (Fausto, 1997:03”)

Genericamente, tem-se utilizado como diferenciadores entre as duas subtradições os seguintes elementos, coletados por Brochado para realização de sua tese de doutoramento¹²:

- A predominância do corrugado nos sítios guaranis, com mínima de 50% e média de 60-70% dos fragmentos de vasilhas obtidas em coletas totais; os sítios tupinambás teriam menor porcentagem (20-30%) e predominância do liso.
- As formas das vasilhas: embora as grandes urnas sejam assemelhadas desde a tradição Una, Aratu, Guaraní e Tupinambá, as tigelas pintadas diferem na forma e na predominância da pintura¹³, embora isto não seja comprovado estatisticamente.
- A forma do corpo: as vasilhas Guaranis têm fundo cônico e raramente esférico; com exceção das tigelas de beber pequenas. Em geral, as formas são de fundo cônico, tanto para tigelas de beber, tigelas, panelas e talhas. No caso tupinambá, os corpos têm forma esférica ou meia calota, sendo raros os fundos cônicos.
- É quase inexistentes entre os guaranis os grandes fornos de tostar farinha de beiju, freqüentes entre os tupinambás. Os pratos guaranis, além de minoria, são de diâmetro pequeno, o que sinaliza a pouca ou ausente produção de farinha de mandioca tostada.

É importante afirmar que estas observações são válidas para as coleções estudadas no estado do Rio Grande do Sul: uma pesquisa mais apurada que envolva toda a área dos Guaranis históricos e etnográficos em todo país ainda está por ser realizada.

Estes dados, repassados na forma de quase “tradição oral”, são resultado da pesquisa assistemática, levada adiante em museus ou coleções que não se encontram publicados. Ao contrário dos dados sobre guaranis, fartamente conhecidos através da publicação de La Salvia e Brochado (1989), as coleções inteiras de vasilhas tupinambás são quase impossíveis de serem encontradas.

As outras informações sobre os guaranis arqueológicos advêm de publicações científicas, infelizmente em sua maior parte descritiva, que “anexam” os dados arqueológicos às fontes históricas e etnográficas (Schmitz, 1991; Schmitz et alii, 1990; Klamt, 1996, entre outros). Tais trabalhos são divididos em duas partes: a apresentação do material arqueológico é seguida das possibilidades de analogia histórica.

CRÍTICA E SUGESTÃO PARA A ARQUEOLOGIA GUARANI

Desta forma, uma arqueologia “explicitamente” guarani a partir dos dados arqueológicos é praticamente inexistente, posto que têm sido desconsiderados, dentre outros elementos:

- As diferenças espaciais: Scatamachia (1990) aponta diferentes formas de vasilhas da subtradição Guaraní como espécies de grandes marcos geográficos, apresentando estas flutuações que podem indicar grupos distintos ou derivações culturais causadas por isolamento.
- Diferenças temporais: as vasilhas, no seu conjunto, são tratadas de forma ahistórica, sendo que, até o momento, não sabemos se são contemporâneas ou não dos grupos analisados, se são de produção local ou advinda de outras formas (troca,

¹² Os dados coletados por Brochado estão sem atualização desde, pelo menos, 1984. Este especialista coletou tais dados em comunicações e correspondência com outros arqueólogos partícipes do PRONAPA, como Igor Chmyz, Ondemar Dias, Valentin Calderón, entre outros.

¹³ As tigelas de beber Guaranis tem boca redonda, fundo cônico e pintura externa; as tupinambá, a princípio, possuem boca quadrangular, fundo semi-esférico e pintura interna.

comércio, etc.).

- Diferença de ambientes: embora considerados como agricultores de floresta tropical, deve-se ter cautela ao analisar o intervalo entre as datas mais antigas e recentes de sua permanência no modelo florestal – tenha-se em conta as variações climáticas ocorridas nos últimos dois mil anos.
- As distintas altitudes (do nível do mar a mais de 700 metros acima deste) e possíveis expansões-retrações da flora/fauna local.
- As possibilidades de pesquisa em demografia, antropologia física, manejo agro-florestal, dentre outras.

Sendo assim, foram retomadas, quase que ingenuamente, as ligações entre os guaranis arqueológicos, os etnográficos e os etno-históricos, olvidando-se questões como expansão, guerras, migrações, ocupação de ambientes diversos, distância temporal e suas conseqüências. Deve-se lembrar, por exemplo, que não se tem considerado a pequena glaciação ocorrida há cerca de 2500 AP, fenômeno associado com grandes variações climáticas que assolaram toda a região sul e sudeste do país¹⁴ (Coelho, Barth, Chaves, 2001).

Não pretendo fazer “terra arrasada” da arqueologia guarani. Se, por um lado, a teoria arqueológica tem se pautado preponderantemente pelo pós-processualismo, a arqueologia guarani ainda não se desvinculou do histórico-culturalismo – quando muito revisitando o determinismo ecológico e/ou cultural (cf. Funari, 1999a, 2000).

POR UMA ARQUEOLOGIA GUARANI

Cabe, num primeiro momento, para manipulação dos conceitos e para uma tentativa de definição, utilizar o termo “arqueologia guarani”. Pretendo, desta forma:

1. Subtrair, por ora, um conceito de denominação étnica; uma vez que instâncias de influências culturais (‘guaranização’), flutuação de território e contato interétnico são impossíveis de

delimitação no momento.

2. Considerar que o compartilhamento da língua Guarani NÃO seja o único demarcador para tratarmos de sociedades Guaranis: em trabalho anterior (Soares, 1996, 1997) mostro as possibilidades de guaranização de grupos não-guaranis e a imposição de língua, cultura e ethos. Isto reforça o cuidado na associação língua-cultura material.

3. Considerar os aspectos destas sociedades passíveis de serem resgatados: os artefatos, ecofatos, biofatos e artefatos (aqui representados por ambiente, implantação/alterações no meio, objetos produzidos/utilizados, solo de ocupação e vestígios bio-antropológicos passíveis de análise).

Não estou, neste momento, afirmando que os grupos que confeccionaram estes utensílios sejam de língua Guarani (tal como é hoje conhecida). Procedo desta forma pelas seguintes razões:

- distância temporal: as primeiras datas remontam ao começo da era cristã e antes ainda (2200 BP); desta forma não podemos atrelar a Tradição tecnológica (técnica de confecção cerâmica) aos falantes de determinada língua. Embora seja uma prática recorrente na Arqueologia Guarani, pela sua própria história, a etnicidade não pode ser relacionada diretamente a uma língua e a um conjunto de artefatos (Funari, 1999a; Jones, 1997).
- Dinâmica interna: sendo as datas citadas válidas, acreditamos que o desenvolvimento, evolução ou mudança cultural impossibilitam afirmações taxativas sobre o uso da língua Guarani para estas datas, mesmo considerando a ampliação da formação do tronco tupi pela glotocronologia. A discussão sobre a existência de uma língua original (e suas derivadas) continua em aberto¹⁵, de maneira que utilizar um fator lingüístico para a determinação de uma sociedade arqueológica é por demais temerário.
- Dinâmica externa: é sabido que

¹⁴ Boletim de resumos do VIII Congresso da ABEQUA, 14 a 20 de outubro de 2001. Os trabalhos completos estão no prelo.

¹⁵ A discussão traduz-se no seguinte: um grupo de arqueólogos e lingüistas defende um único tronco lingüístico, do qual as línguas Guarani e Tupinambá são derivadas; outro grupo sustenta que um proto-tronco tupi tenha

as áreas ocupadas (em períodos registrados historicamente) pelos Guaranis são caracterizadas pela disponibilidade de recursos naturais; desta forma, devo lembrar o modelo de Brochado (1984), no qual a influência na formação da cerâmica Guarani passou por influências de ordem cultural e, quiçá, social. Esta influência é percebida, em tempos históricos, na deriva genética, já confirmada (Soares, 1997);

Fatores pouco explorados na Arqueologia como um todo, como as guerras, migrações, contatos interétnicos, impossíveis de serem avaliados por meio de sondagens e poços-testes. O que percebemos é que artefatos atribuídos a tradições diferentes no mesmo nível artificial são tomados como oriundos de práticas comerciais, descartando-se contextos mais amplos e perturbação dos sítios. Para uma definição destes elementos, escavações amplas, contextos bem definidos, análises petrográficas e de assinatura química (para a argila), assim como de origem geológica (para os líticos), são necessários para estabelecer a origem dos artefatos. Conjuntos de datações, ao invés de uma ou duas por sítio, poderão indicar re-ocupação/abandono imediato, para o caso de guerras, associados à transição de distintas Tradições arqueológicas, mas bem conhecidas; contatos interétnicos devem ser analisados através de coleções ósseas de indivíduos, por meio de análise genética, já existente no Brasil; não podemos esquecer que, no mais das vezes, a escavação é realizada primeiro e a teorização depois: daí que primeiro se escava e depois se estabelecem os problemas, invertendo a lógica da pesquisa arqueológica.

Ao mesmo tempo, é impossível negligenciar os dados históricos, etno-históricos e etnográficos existentes. Estou definindo a Arqueologia Guarani, por ora, por meio dos seguintes parâmetros:

- Conjunto de artefatos líticos e

derivado duas proto-línguas, proto-tupinambá e proto-Guarani, o que ampliaria a separação entre ambas e as diferenças nos aspectos materiais. Veja a discussão em Brochado, 1984; Noelli, 1993. Um bom contraponto a esta perspectiva é Dias, 1994/95.

¹⁶ Para a discussão sobre estes termos, ver Scatamachia, Caggiano, Jacobus, 1991:90; Noelli, Trindade e Simão, 1997 [2000].

cerâmicos, sendo possível encontrar sítios arqueológicos Guaranis sem cerâmica, qual sejam: locais de extração de matérias-primas (lítico, argila, etc.)

- Ausência de padrão de implantação geomorfológica. Existem assentamentos em encostas e topos de colinas suaves (RS, PR, SC, SP) e em larga escala em várzeas de grandes rios (em toda área de ocupação Guarani), mas também próximos a afluentes: distância entre 300 metros e 10 quilômetros dos grandes cursos d'água, mas nunca a menos de 100 metros. Desta forma, determinar um padrão de ocupação geomorfológica entre os Guaranis é absolutamente impossível.
- Predomínio das formas fundas sobre as rasas¹⁶, de seção tronco-cônica, de boca redonda ou arredondada, fundo arredondado para vasilhas pequenas e cônico para as médias e grandes;
- Presença de bordas extrovertidas e em ângulo, com vários ombros nas tigelas de beber e talhas.
- Pintura externa nas tigelas de beber (cambuchi caguaba) e talhas (cambuchís), acima do diâmetro máximo, geralmente acima da metade da altura. Podem ocorrer pinturas internas em pratos (ñaembé ou ñaembiru), de dimensões pequenas (até 20 cm de diâmetro).
- Número limitado de pratos rasos e (embora citado no dicionário de Montoya) a quase inexistência de assadores (ñamopiû) rasos ou planos, levantando a hipótese de não fabricação de farinha de beiju (ou de que ela era realizada em tigelas (ñaetás)) (cf. Noelli, Trindade e Simão, 1997:05).

Estas definições são provisórias mas necessárias, principalmente por que buscam vir ao encontro de um problema específico, qual seja: a necessidade de delimitação do que vem a ser a arqueologia Guarani, seja por meio da realização de pesquisas arqueológicas sistemáticas ou a partir da oposição com a cultura tupinambá. Com relação a

este último aspecto, seja por terem sido enquadradas em Tradição Tupiguarani pelo Pronapa, seja por que a região, como fronteira cultural, apresenta influências de ambas, deve-se buscar um novo ponto de partida para a classificação destas duas culturas, ou “áreas culturais”.

Desta forma, tendo em vista a proposta inicial deste artigo, de construir ou desconstruir um denominador comum entre os Guaranis Históricos, Etnográficos e Arqueológicos, coloco as seguintes conclusões e propostas de trabalho:

- Existe uma continuidade entre os Guaranis históricos e pré-históricos, mas deve-se tomar certas precauções contra o uso indiscriminado do parentesco e filiação lingüística para caracterização de uma sociedade arqueológica: técnicas, língua ou mesmo cultura podem ser compartilhados por povos distintos, não necessariamente oriundos de um tronco étnico ou cultural idêntico; desta forma, a arqueologia Guarani, conhecida através da descrição etno-histórica, deve ser utilizada sem atrela-la a uma língua ou povo específico (principalmente ao se tratar de períodos recuados no tempo).
- As datas recuadas estimulam o uso de analogias históricas ou etnográficas, mas deve-se ter em conta que, em se tratando de clima, ambiente ou sociedade, diversas adaptações podem tornar problemática a classificação “povos da floresta tropical ou subtropical”: as áreas de dispersão podem ter sido determinadas por condições diferentes das atuais, bem como por ambientes distintos;
- Em se tratando de datas históricas, as analogias devem ser perseguidas, mas observando-se as particularidades locais. Os modelos de reconstrução de formas de vida, de dieta ou de alimentação devem ser revistos, tendo em vista as fontes históricas locais e regionais;

Definimos uma Arqueologia guarani que levasse em consideração a possibilidade de utilizar tanto dados etno-históricos quanto etnográficos; desde que estas fontes estejam disponíveis para os locais e períodos em questão (tomando-se a devida atenção com as dificuldades envolvidas com a ampliação

destas analogias). Chamamos a a tenção, também, para o fato de que não há uma relação direta entre a dispersão da língua e a dos artefatos, e de que tais elementos não caracterizando diretamente um grupo humano identificável arqueologicamente.

Por fim, meu objetivo não foi desestimular a forma como a arqueologia Guarani tem se desenvolvido, mas alertar para o uso que fazemos das fontes históricas e etnográficas, lembrando que, de uma forma ou outra, a documentação primária ainda são os artefatos: deve-se colocar a arqueologia em seu devido lugar, e não complementar a produção de uma já estabelecida arqueologia Guarani.

Os guaranis existiram, certamente, assim como existem atualmente: mas não se deve confundir o “corrugado” com a sociedade guarani, assim como não se pode afirmar que os habitantes dos sítios falavam o Guarani. Certamente devemos entendê-los como Guaranis, mas sem a pretensão de afirmar que todo falante de Guarani é Guarani. Diversos detalhes devem ser colocados, pois a expansão e a diversidade das sociedades indígenas devem ser buscadas no passado, e esse é o papel da arqueologia. A complexidade destas sociedades, em tempos tão recuados, apenas confirma (vale lembrar) que não somos o ‘umbigo do mundo’.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores que colaboraram de diversas formas: Prof. Pedro Paulo Funari, pelas revisões, sugestões bibliográficas e por disponibilizar material inédito (no prelo); Prof. José Luiz de Moraes, que auxiliou na revisão e consistência do texto; Prof. Saul Milder pelas sugestões e discussões; Prof. José Proenza Brochado pelo sem-número de comunicações pessoais e comentários. É claro que as opiniões emitidas são de inteira responsabilidade do autor.

BIBLIOGRAFIA

- Brochado, José Proenza. *A Tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul*. Clío, UFPe, número III, 1980, pg.47-60.
- Brochado, José Proenza. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture Into Eastern South America*. Urbana-Champaign. University of Illinois at Urbana-Champaign. PhD Tesis. 1984.

- Brochado, José Proenza. "A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica Amazônica". *Dédalo* 27, MAE/USP, 1989. Pgs. 65-82.
- Brochado, José Proenza. "Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul". *Anais do I Simpósio de Pré-história do nordeste brasileiro*. Clio, série arqueológica nº 4, UFPE- CNPq, 1991.pgs.85-88.
- Brochado, José Proenza; Monticelli, Gislene; Neumann, Eduardo. *Analogia Etnográfica na reconstrução gráfica das Vasilhas Guarani Arqueológicas*. Veritas, Porto Alegre, v.35, n.140, dezembro 1990, pgs. 727-743.
- Brochado, José Proenza; Monticelli, Gislene. "Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani a partir dos fragmentos". *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v.XX, n.2, p.107-118, dezembro, 1994.
- Cadogan, León. Ayvu Rapyta. *Boletim* 227, *Antropologia* 5, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. São Paulo, 1959.
- Cadogan, León. *Dicionário Mbya-Guarani Castellano*. Biblioteca Paraguaya de Antropología. Vol. XVII. Asunción, CEADUC-CEPAG, 1992.
- Coelho, Luciane; Barth, Ortud; Chaves, Ernani. "Palynological records of environmental changes in Guaratiba Mangrove área, southeast Brazil, in the last 6000 years BP". *Boletim de resumos do VIII Congresso da ABEQUA*, 14 a 20 de outubro de 2001, Mariluz, Imbé -RS,pg. 403.
- Cortesão, Jaime. *Manuscritos Da Coleção De Angelis I. Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)*. Introdução, notas e glossário por Jaime Cortesão. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional. 1951.
- Cortesão, Jaime. *Manuscritos Da Coleção De Angelis III. Jesuítas e Bandeirantes no Tape. (1615-1641)*. Introdução e Notas por Jaime Cortesão. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, Divisão de Publicações e Divulgação, 1969.
- Fausto, Carlos. O conceito de cultura e o hiato entre disciplinas. *Anais do IX congresso da sociedade de Arqueologia Brasileira*, (1997), Rio de Janeiro, agosto de 2000, CD-Rom.
- Fernandes, Florestan. *A Organização Social dos Tupinambá*. São Paulo, Hucitec/UnB, [1949], 1989.
- Funari, P. P. A. "Linguística e Arqueologia", *DELTA (Revista de Estudos de Linguística Teórica e Aplicada)*, 15, 1, 161-176, 1999a.
- Funari, P. P. A. "Brazilian archaeology, a reappraisal", in *G. Politis & Benjamin Alberti (eds), Archaeology in Latin America*, London & New York, Routledge, 17-37, 1999b.
- Funari, P. P. Abreu *Public archaeology from a Latin American Perspective*, *Public Archaeology*, 2001, 1, 239-243.
- Pedro Paulo A. Funari & Andrés Zarankin, "Algunas consideraciones arqueológicas sobre la vivienda en Pompeya", *Gerión*, 19, 2001, 493-512.
- Gatti, Carlos. *Enciclopedia Guarani-Castellano de Ciencias Naturales e Conocimientos Paraguayos*. Asunción, Arte Nuevo Editores. 1985.
- Dias, Ondemar. "Considerações a respeito dos modelos de difusão da cerâmica tupiguarani no Brasil". *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 8(2), 1994/95: 113-132.
- Garlet, Ivori. *Mobilidade Mbyá: História e Significação*. Porto Alegre, PUCRS, 1997. Dissertação de Mestrado.
- Hodder, I. *Reading the Past. Current approaches to interpretation in archaeology*. Second edition. Cambridge University Press, Cambridge, 1991.
- Jones, Sian. *The Archaeology of Ethnicity*, Routledge, London and New York, 1997.
- Klamt, Sérgio. *A Tradição Tupiguarani no Médio Jacuí*. Porto Alegre, PUCRS, 1996. Dissertação de Mestrado.
- LaSalvia, Fernando; Brochado, J.J. Proenza. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre, Posenato Arte e Cultura, 1989.

- Maranca, Silvia. "Estudo do Sítio Aldeia da Queimada Nova, Estado do Piauí". *Coleção Museu Paulista. Série Arqueologia*. vol. 3. São Paulo, Editora da USP, 1976.
- Meggers, Bety; Evans, Clifford. "A utilização de sequências cerâmicas seriadas para inferir comportamento social". Instituto de Arqueologia Brasileira. *Boletim Série Ensaios*, n° 3, setembro/85. Rio de Janeiro, 1985.
- Melià, Bartomeu; Grünberg, G.; Grünberg, F. Los Pai-Tavyterã. *Etnografía Guarani del Paraguay Contemporáneo*. Suplemento Antropológico. Universidad Católica 'Nuestra Señora de la Asunción'. vol. XI, n° 1-2, 16: 151-295. 1976.
- Melià, Bartomeu. *La Tierra Sin Mal de los Guarani. Economía y Profecía*. Suplemento Antropológico. 22(2): 81-97. Asunción, Paraguay. Dezembro. 1987.
- Melià, Bartomeu. *El Guarani Conquistado y Reducido. Ensayos de Etnohistoria*. Biblioteca Paraguaya de Antropología. vol. 5. Asunción, CEPAG. Univ. Católica. (1986). 2ª ed. 1988.
- Melià, Bartomeu. Para una História de la Mujer Paraguaya. in: *Una Nación, Dos Culturas*. RP editores. Asunción, CEPAG. Paraguay. 1988.
- MELIÀ, B. "Potyró: La cuestión del trabajo indígena Guarani". *Anais do VIIIº Simpósio Nacional de Estudos Missionários*. Santa Rosa, 1989. pp. 295-326.
- Melià, Bartomeu; Saul, J.; Muraro, V. *O Guarani, uma Bibliografia Etnológica*. Santo Angelo, Fundação Pró-Memória. FUNDAMES. 1987.
- Métraux, Alfred. *La Civilisation Matérielle des Tribus Tupi-Guarani*. Paris, Librarie Orientaliste, 1928.
- Métraux, Alfred. *Migraciones Históricas de los Tupi-Guarani*. Chaco, Universidad Nacional del Nordeste, 1974.
- Métraux, Alfred. *Migrations historiques des toupí-guarani*. *Journal de la Société des Américanistes*, n.s., 19:1-45, Paris, 1927.
- Montoya, António Ruiz de. *Arte vocabulário, Tesoro y Catecismo de la Lengva Guarani*, por Antonio Ruiz de Montoya. publicado nuevamente sin alteración alguna por Júlio Platzmann, 4 tomos. Leipzig, B.G. Teubner, 1876.
- Montoya, António Ruiz de. *Conquista Espiritual feita pelos Religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná e Tape*. Porto Alegre, Martins Livreiro Editores, 1985.
- Montoya, António Ruiz de. *Vocabulário y Tesoro de la Lengua Guarani o más bien Tupi, I: Vocabulário guarani (o tupi)-español*. Nueva edición: Viena, Faesy y Frich; Paris, Maisonnueve y Cia. 1876 [1640]. Edición organizada por F.A. Vernhagen, Visconde de Porto Seguro.
- Morais, José Luiz de. "Arqueologia da região sudeste". *Revista USP*, n°44, dez/jan/fev-1999-2000. pgs.194-217.
- Müller, Franz. SVD. *Etnografía de los Guarani del Alto Paraná*. Societatis Verbi Divini, Argentina, 1989.
- Nimuendajú, Curt. *As lendas de Criação e Destruição do Mundo como fundamento da Religião dos Apapokuva-Guarani*. Trad. De Charlotte Emmerich e Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo, Hucitec, 1987.
- Noelli, Francisco Silva. *Sem tekohá não há teko*. (Em busca de um Modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da Subsistência Guarani e sua Aplicação a uma Área de Domínio no Delta do Jacuí-RS) Porto Alegre, PUCRS, 1993. Dissertação de mestrado.
- Noelli, Francisco Silva. "A ocupação humana na Região Sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas - 1872-2000". *Revista USP*, n°44, dez/jan/fev-1999-2000. pgs.218-269.
- Noelli, Francisco Silva; Soares, André Luis R. "Para uma História das Epidemias entre os Guarani". *Diálogos*, 1:165-78. 1997a.
- Noelli, Francisco Silva; Soares, André Luis R. "Efeitos da conquista europeia na terminologia e organização social Guarani". *Cadernos do METEP*, 8:383-397.

- 1997b.
- Noelli, Francisco Silva; Trindade, Jane Aparecida; Simão, Ana Paula. "Primeiras análises sobre a funcionalidade e a frequência da cerâmica de um sítio arqueológico Guarani da lagoa Xambrê - Paraná", *Anais do IX congresso da sociedade de Arqueologia Brasileira*, (1997), Rio de Janeiro, agosto de 2000, CD-Rom.
- Pallestrini, Luciana. "Interpretação das estruturas arqueológicas em sítios do Estado de São Paulo". Coleção do Museu Paulista, Série Arqueologia, 1, São Paulo. Pp.1-208.1975.
- Prous, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília, UNB, 1992.
- Scatamachia, Maria Cristina M. *A Tradição Policrômica no Leste da América do Sul evidenciada pela ocupação Guarani e Tupinambá: Fontes Arqueológicas e Etnohistóricas*. Tese de Doutorado. FFCLCH, USP, 1990.
- Schaden, Egon. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. São Paulo, Ed. Da USP, 3 Ed., 1974.
- Schmitz, P.I. "Migrantes da Amazônia: a tradição Tupiguarani". In: *Pré-História do Rio Grande do Sul*, Documentos 5, Unisinos, São Leopoldo, 1991.
- Schmitz, P.I.; Artusi, L.; Jacobus, A.; Gazzaneo, M.; Rogge, J.; Martin, H.; Baumhardt, G. *Uma aldeia Tupiguarani. Projeto Candelária*, RS. Documentos, 04:1-135. IAP. São Leopoldo. 1990.
- Soares, André Luis R. *Organização Sócio-Política Guarani: Aportes para a Investigação Arqueológica*. Porto Alegre, PUCRS, 1996. Dissertação de Mestrado.
- Soares, André Luis R. *Guarani: Organização Social e Arqueologia*. Porto Alegre, EdiPUCRS, 1997. Série Arqueologia 4.
- Soares, André Luis R. Os horticultores Guaranis: problemáticas, perspectivas e modelos. In: *Quevedo, Júlio (org.) Rio Grande do Sul: quatro séculos de História*. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1999.pgs. 61-101.
- Soares, André Luis R.; Garlet, Ivori. "Parcialidades Guarani: Em busca de uma visão diacrônica". *Histórica, Revista da Ass. Dos Pós-Graduandos em História da PUCRS*. Porto Alegre, N.03, 1998, pgs. 53-58.
- Simões, Mário. "Índice das fases arqueológicas Brasileiras 1950-1971". Museu Paraense Emílio Goeldi, publicações avulsas n.18, Belém, 1972.
- Susnik, Branislava. *Dispersión Tupi-Guarani Pré-Histórica*. Ensayo Analítico. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero, 1975.
- Susnik, Branislava. "Los Aborígenes de Paraguay". *Tomo II, Etnohistória de los Guaraníes. Época Colonial*. Asunción, Museo Etnográfico 'Andrés Barbero'. Paraguay. 1979/80.
- Susnik, Branislava. "Los Aborígenes de Paraguay". *Tomo V Ciclo vital y Estructura Social*. Museo Etnográfico "Andrés Barbero". Assunción - Paraguay, 1983.
- Terminologia. "Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica". *Cadernos de Arqueologia*. Ano 1, n. 1, 1976. Universidade Federal do Paraná, Paranaguá, 1976.